

Intervenção da Ministra da Justiça, Francisca Van Dunem, no Dia Mandela

Fundação Calouste Gulbenkian (auditório 3), Lisboa, 18 de julho 2019

Livres para lerem e estudarem os dramas elisabetanos com mais de 400 anos que não eram considerados perigoso pelas autoridades penitenciárias, os prisioneiros de Ilha Robben converteram William Shakespeare num manual de análise e discussão.

Permito-me, por essa razão, começar por citar Shakespeare:

«Os cobardes morrem várias muitas vezes antes de morrerem. O homem corajoso experimenta a morte apenas uma vez.»

Hoje celebramos o nascimento – ocorrido há 101 anos, na pequena vila de Mvezo, África do Sul - de um homem, que não é um qualquer homem, mas sim a de um homem corajoso que não irá provar, nem por uma vez, a morte.

O legado de Nelson Rolihlanla Mandela permanecerá vivo – como hoje o comprovamos aqui - independentemente do seu desaparecimento físico.

Homenageamos o homem que se recusou a comprometer a sua posição política em troca da sua liberdade.

Um homem que, década após década, teve como lema as linhas inesquecíveis do poema *Invictus* do inglês William Ernest Henley:

«Não importa quão estreito seja o portão,

Quão carregado de punição o pergaminho,

Eu sou o mestre do meu destino:

Eu sou o capitão da minha alma».

Preso em 1962 e condenado a 5 anos de prisão com trabalhos forçados veio a ser posteriormente, em 12 de junho de 1964, condenado a prisão perpétua.



Permaneceu assim encarcerado desde 1962 e até ao dia 11 de fevereiro 1990, primeiro na prisão da Ilha de Robben, e posteriormente na prisão de Pollsmoor.

Estamos, pois, a celebrar a vida de um homem que esteve institucionalmente privado de liberdade durante 27 longos anos.

Mas, como fez notar Gandhi, «a prisão não são as grades, e a liberdade não é a rua. Existem homens presos na rua e livres na prisão. É uma questão de consciência.».

E, na verdade, Nelson Mandela, com a grandiosidade de espírito que lhe era inerente, afirmou: «quando saí em direção ao portão que me levaria à liberdade eu sabia que, se não deixasse a amargura e o ódio para trás, iria permanecer na prisão.»

E assim fez.

Depois de ter descido aos infernos conseguiu alcançar o cume da montanha.

Teve a magnificência de conseguir deixar num outro lugar longínquo a agrura, o ressentimento, o amargor, a raiva, a fúria e a cólera.

Teve a capacidade, verdadeiramente transcendente, de substituir esses sentimentos pelos seus antónimos: pela benevolência, pela complacência, equilíbrio, pacificidade, serenidade e até pela afeição.

E mais ainda. Saiu do tormento e martírio que viveu durante praticamente três décadas, para criar pontes, procurar entendimentos e buscar o diálogo.

Minhas Senhoras e

Meus Senhores, caros jovens

Lembrar Nelson Mandela é manter viva essa sua coragem, determinação e grandiosidade.

Um homem que foi um advogado icónico e que utilizou e assumiu o direito como a arma para combater a injustiça.



Esse facto permitiu-lhe assegurar a representação da comunidade negra – assim lhes garantindo o acesso ao direito e à justiça que, até então, lhes era objetivamente negado.

No entanto, foi igualmente com mestria que, sempre utilizou o direito como escudo e emblema para lutar pela criação de um Estado de homens livres e iguais.

E assim fez em 1963, aquando do julgamento de Rivonia, ao defender-se a si próprio no banco dos réus “Eu lutei contra a dominação branca e lutei contra a dominação negra. Apreciei o ideal de uma sociedade democrática e livre na qual todas as pessoas vivem juntas em harmonia e com oportunidades iguais.» Palavras que repetiu em 1990, no Harlem, em Nova York, acrescentando «Glória à irmandade e à fraternidade dos povos de todo o mundo.»

Depois de ter estado encarcerado por um período tão absurdamente longo, teve a capacidade de negociar o desmantelamento do regime do apartheid na África do Sul, de estabelecer um acordo sobre o sufrágio universal e eleições democráticas e de se tornar, em 1994, o primeiro presidente negro do país.

Conseguiu ver mais claro e mais além do que a esmagadora maioria dos seus contemporâneos.

Fazendo uso das suas palavras, percebeu a necessidade e até a inevitabilidade da «interdependência mútua» da condição humana bem assim «que o terreno comum é maior e mais duradouro do que as diferenças que o dividem».

Tal como alguém já o fez notar, o pano de fundo do desenvolvimento desta visão do mundo é notável e muito diversificado. Da sua herança africana, da turbulência histórica do seu país, da sua própria educação formal em escolas «coloniais», da sua convivência e aprendizagem, nos confins da Ilha de Robben, com hindus, muçulmanos, judeus e cristãos, europeus e asiáticos, surgiu um homem com uma visão singular.

Uma perspetiva do mundo e da condição humana também inspirada num antigo ditado das línguas Bantu, faladas pelos povos da África Subsaariana, segundo

o qual, numa tradução literal, «eu sou porque tu és. Eu só posso ser uma pessoa com as outras pessoas».

A partir deste ditado surgiu a noção de Ubuntu existente nas línguas Bantu - que, de acordo com outro Nobel da Paz, o arcebispo anglicano Desmond Tutu, autor da teologia ubuntu, se destina a exprimir que «a minha humanidade está intrinsecamente ligada à humanidade do outro.

E continuo a citar Desmond Tutu

Esta noção de fraternidade implica compaixão e abertura de espírito que se opõe ao narcisismo e ao individualismo. Uma pessoa com *Ubuntu* está aberta e disponível para as outras; apoia as outras; não se sente ameaçada quando outras pessoas são capazes e boas, com base na autoconfiança que decorre do conhecimento de que ele ou ela pertence a algo maior que diminui quando outras pessoas são humilhadas ou diminuídas; quando são torturadas ou oprimidas. *Ubuntu* é a essência do ser humano».

Na África do Sul, este conceito Ubuntu ficou ligado à história da luta contra o apartheid e à promoção da política de reconciliação nacional. Foram os valores da compaixão e da comunhão que consubstanciaram os princípios filosóficos fundadores do direito constitucional sul-africano, a partir da constituição provisória de 1993 e que se expandiram com a constituição de 1996.

Fazendo uso das palavras de Nelson Mandela: «Respeito. Cortesia. Comunidade. Generosidade. Confiança. Desprendimento. Uma palavra pode ter muitos significados. Tudo isto é o espírito de *Ubuntu*. *Ubuntu* não significa que as pessoas não devam cuidar de si próprias. A questão é: a pessoa vai fazer isso de maneira a desenvolver a sua comunidade, assim permitindo que ela melhore?».

E o que Mandela fez foi exatamente agir (ou não agir) sempre com o sentido do desenvolvimento da comunidade e da melhoria para todos, de uma forma pungente e admirável.

O que fazemos sempre que lembramos Mandela, os seus valores, os seus feitos e os seus pensamentos é manter viva a sua voz e honrar a sua determinação.

Devemos fazê-lo de forma ativa e empenhada. Porque se homenageamos Mandela devemos fazê-lo desta forma, em Ubuntu, saudando estes jovens líderes que irão liderar outros jovens;

- Saudando esta academia que promove a mudança da comunidade e para a comunidade;
- Empenhando-nos pessoal e institucionalmente na defesa intransigente da universalidade dos direitos humanos,
- Abraçando os princípios da conciliação e da reconciliação, o respeito por opressores e oprimidos e,
- Acreditando que «o impossível é possível».

Este é o legado de Mandela, o nosso legado, o vosso legado.

Não vale a pena falarmos nestes tempos novos e difíceis, em problemas ou circunstâncias intransponíveis.

Mandela demonstrou que todas as dificuldades, todas as feridas profundas e todos os extremismos podem ser superados, desde que, tenhamos e mantenhamos a serenidade, a coragem, a persistência e a resiliência para nunca desistir de acreditar e de agir.

Esta asserção é hoje tão verdadeira como o era e sempre o foi.

É certo que vemos, no mundo atual, o humanismo em perigo por ameaças que pensávamos desvanecidas. Mas importa manter a aguda consciência do que nos rodeia, da importância da relação com os nossos outros, que reconheçamos que a lesão a um representa um prejuízo para todos e que, por esta razão é imperativo agirmos juntos em defesa da justiça e da decência humana comum.

Deixemos que esta lição de Mandela nos ilumine e guie no caminho a tomar e na atitude a seguir.

Ubuntu para todos nós.